

"A ÚLTIMA CHANCE."
SALVAMENTO EMERGENCIAL DO ARRAIAL DE CANUDOS*

* "Salvamento Emergencial do Arraial de Canudos". Arqueólogos Responsáveis: Paulo Zanettini e Erika M. R. González. Projeto desenvolvido pelo CEEC/UNEB. Financiamento da Pesquisa: Secretaria de Planejamento Ciência e Tecnologia/CADCT/FAPES.

Paulo Eduardo Zanettini e Erika Marion Robrahn-González

RESUMO

São apresentados os procedimentos e resultados obtidos pelo Projeto de salvamento emergencial desenvolvido no sítio histórico da fundação de Canudos, no semi árido baiano, A localidade foi ocupada por Antônio Conselheiro e seu séquito em 1893, sendo destruída em 1897.

Escavações desenvolvidas na praça principal e arredores permitiram reconstituir a feição urbana original e os principais edifícios do arraial bombardeado e incendiado durante guerra (1896/1897), bem como aspectos da cidade reconstruída após o conflito. Na década de 1970, a região foi inundada com a construção de um açude, permanecendo Canudos sepultada até outubro de 1999.

Fortes trovoadas ocorridas no início do presente ano conduziram ao preenchimento do açude, que hoje apresenta a uma das mais altas cotas de sua história: Canudos desaparece novamente, tragada pelas águas, impossibilitando a continuidade da investigação no sítio histórico por mais algumas décadas.

Assim, resta-nos a missão de divulgar e propagar os resultados obtidos em Canudos, enquanto aguardamos a publicação integral do relatório final, no sentido de promover e estimular a discussão a respeito de temas já consagrados e outros questionamentos planteados pela pesquisa arqueológica no arraial, até então ofuscados ou eclipsados, graças às máculas deixadas por um dos mais sangrentos e cruéis episódios de nossa História. E continuar lutando pela plena efetivação de um parque que ajudamos a criar há aproximadamente duas décadas.

Por ora, tem a palavra a gente de Canudos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui uma síntese dos procedimentos e resultados alcançados com o salvamento arqueológico conduzido no sítio histórico da fundação de Canudos, iniciado em meados de agosto de 1999, alvo de relatório entregue às instâncias financiadoras e de gestão do patrimônio cultural brasileiro. As análises laboratoriais dos vestígios móveis encontram-se em andamento, devendo ser oportunamente abordadas em artigos específicos¹

A investigação no arraial constitui o desdobramento de um projeto maior de investigação, desenvolvido pelos arqueólogos Paulo Zanettini e Erika Robrahn-González para o Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC-UNEB), em caráter sazonal, desde o final de 1996. Este Projeto original foi inserido no bojo das ações desenvolvidas para a efetivação do Parque pela UNEB, aproveitando, inclusive, a oportunidade trazida pela aproximação do Centenário da Guerra, que viria despertar o interesse da comunidade nacional em conhecer a região e o parque histórico.

O projeto Arqueologia e Reconstituição Monumental - Parque Estadual de Canudos está voltado à busca e construção de identidade para a área selecionada por meio de decreto em 1986 e, assim, vocacionada para a preservação e conseqüente perpetuação da memória e cultura material oriunda das ocupações ali verificadas, dentro de uma abordagem antropológica de largo espectro temporal².

Nesse sentido, a oportunidade única de atuar no arraial em função do rebaixamento temporário do açude de Cocorobó vem fornecer elementos contundentes que irão contribuir para a implementação do processo de instauração desse grande ecomuseu às margens do lago, no semi-árido baiano.

1-Ver por ex.
*Zooarqueologia e
Arqueologia Histórica no
Brasil: considerações
sobre amostras
faunísticas do Arraial de
Canudos, Bahia, Marcia
Bezerra de Almeida.
Comunicação
apresentada ao CIEIA
2000, Porto Alegre.*

2-Ver projeto
*Arqueologia e
Reconstituição
Monumental Parque
Estadual de
Canudos. 1897-1997
CEEC/UNEB 1997
(datilog.)*

3-Ver
Históri
UNEB
Ed. Sa

Vale aqui acrescentar que, anteriormente, em 1986/87 coordenamos uma grande equipe, responsável pelo processo de demarcação do Parque Estadual, procedendo uma prospecção intensiva, que resultou na delimitação de zonas de alta intensidade de vestígios e estruturas relacionadas ao conflito bélico, cadastramento de unidades habitacionais contemporâneas e posteriores à Guerra, identificação de sítios paleontológicos e ocorrências relacionadas ao período pré-colonial, notadamente sítios líticos. A pesquisa, à época, financiada pelo CNPq resultou em inúmeros relatórios engavetados, redescobertos após uma década, transformando-se um deles em publicação em 1996 (esgotada)³.

3-Ver Arqueologia
Histórica de Canudos.
UNEB/CEEC/ Portfolium
Ed. Salvador, Bahia, 1996

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O SALVAMENTO EMERGENCIAL.

A atividades de campo tiveram a duração de 23 dias (20 de agosto a 11 de setembro de 1999), sendo subdivididas em duas fases consecutivas e complementares de intervenções:

- a primeira fase, dedicada ao reconhecimento e recobrimento global da área, identificação, cadastro e trabalhos iniciais de escavação e evidenciação das estruturas de maior porte;

- a segunda fase, dedicada a trabalhos de maior detalhe, com a abertura de áreas de escavação arqueológica, localizadas nas porções de maior interesse e potencial informativo (fundo da igreja velha, pátio central, Vale da Morte). O objetivo, aqui, era obter dados que auxiliassem na reconstrução do desenho urbano do arraial conselheirista, bem como na reconstituição de estruturas de grande significação científica, cultural e simbólica.

Por outro lado, não estava afastada a hipótese de ser identificado durante as pesquisas o Santuário, edificação na qual dias antes do final da Guerra fora

sepultado Antônio Vicente Mendes Maciel, tendo sido necessário integrar à equipe especialistas para a exumação deste e de outros canudenses sepultados no arraial.

Diante da possibilidade eminente de reversão do quadro climático observado em Canudos foram também incorporados à pesquisa (que começou sob forte pancada de chuva) historiadores com amplo conhecimento e afinidade com o tema, interagindo com a equipe de arqueologia na sistematização de outras fontes documentais e desenvolvendo uma série de atividades preparatórias que embasaram o conjunto de ações em Canudos, sobretudo, no tocante à obtenção de elementos sobre a evolução desse núcleo populacional, desde suas origens até o seu desaparecimento sob as águas do açude de Cocorobó.

3.1. Reexaminando fontes escritas e iconográficas e recolhendo testemunhos de canudenses

Antecedendo às intervenções de campo propriamente ditas, procedeu-se à sistematização de fontes textuais visando à criação de um banco de dados sobre Canudos. Este banco de dados foi dedicado à sistematização de referências diretas sobre aspectos do fenômeno urbano, contribuindo na construção de hipóteses a serem testadas durante o levantamento arqueológico como a definição de logradouros (ruas, quarteirões, etc.), estruturas arquitetônicas e sua época de construção.

O conhecimento da produção bibliográfica por parte dos estudiosos permitiu identificar e selecionar o conjunto de autores que mantiveram em diferentes momentos um contato direto com o objeto em questão, sendo organizadas as descrições produzidas tanto por civis como militares que se detiveram diante da cidade, construindo seu olhar próprio, em "primeira

4-Ver te
século X
elaborac
Renato
relatório
apresent
IPHAN

5-Os re
pesquis
serão c
artigo e
historia
e João
(em ela

mão".

4-Ver texto "Canudos do século XIX até 1897", elaborado pelo historiador Renato Ferraz, anexo ao relatório final de pesquisa apresentado ao IPHAN/Minc.

Na prática, isso veio a significar um recorte na extensa bibliografia canudense, utilizando-se os testemunhos de Macedo Soares, Martins Horcades, Constantino Nery, Dantas Barreto, Siqueira de Meneses, Manuel Benício, Frei João Evangelista do Monte Marciano e, muito mais profundamente, Euclides da Cunha⁴

Procurou-se manter um estrito e rigoroso controle da cronologia de produção das visões e relatos, haja vista a dinâmica sob a qual foram elaborados: no caso, salvo raras exceções, no "calor da batalha", sob a influência da artilharia pesada e incessante. Assim, cada um dos indivíduos tomados como base de informação, além de ter visto a cidade a partir de seu próprio olhar e interpretação, a viu também em momentos diferentes. Por vezes alguns dias de batalha eram suficientes para alterar significativamente um cenário, gerando depoimentos bastante diversos.

Outra frente de pesquisa aberta concomitantemente às escavações foi o Programa de História Oral, voltado ao resgate de informações relativas ao processo de reocupação do sítio após o conflito bélico, ou seja, o período de reconstrução (1898-1969)⁵.

5-Os resultados da pesquisa de história oral serão contemplados em artigo específico pelos historiadores Manoel Neto e João Carlos C. Pinheiro (em elaboração).

Para a cidade refeita (a Canudos nova), instalada no mesmo espaço territorial da anterior, retornaram muitos dos sobreviventes da guerra, tendo-se também mantido marcos emblemáticos da vila histórica (escombros das igrejas Nova e Velha, o antigo Cruzeiro). Todavia, pouco se sabia sobre essa fase de ocupação, que perdurou até 1969, quando a cidade foi tragada pelas águas do Vaza-Barris para o enchimento do Açude de Cocorobó.

3.2. A Pesquisa Arqueológica

3.2.1. Produção de fichas de cadastro para a pesquisa em Canudos

Com o objetivo de obter um cadastramento amplo e ágil das estruturas relacionadas à malha urbana de Canudos, foram desenvolvidas fichas para cadastro de ocorrências e estruturas, que permitiram também facilitar o tratamento dos dados. Como resultado, foi organizado um catálogo contemplando 60 estruturas, identificadas durante esta fase da pesquisa.

3.2.2. Reconhecimento preliminar e delimitação da área nuclear do sítio histórico

O conjunto de informações reunidas pela equipe de pesquisa histórica conduziu com considerável precisão à identificação da área nuclear do arraial onde estariam situadas as estruturas de maior porte e expressão, no caso, as igrejas de Santo Antônio e do Bom Jesus, destruídas em virtude do conflito de 1897 e atualmente mascaradas pelo lodo depositado no fundo do açude.

Logo no início das escavações, apenas o Cruzeiro pontuava a paisagem, parcialmente exposto no terreno. Já a igreja de Santo Antônio exibia a feição de uma pequena elevação no terreno, enquanto da suposta igreja do Bom Jesus, distante cerca de 100 metros, restavam apenas indícios pálidos de parte de estrutura envolta pela vegetação rasteira.

No intuito de assegurar o correto registro destas estruturas e de outras a serem localizadas durante a pesquisa, bem como o conhecimento de sua distribuição espacial, foi desenvolvida, em paralelo aos trabalhos de

topografia, a implantação de uma malha de quadriculamento no terreno, que servisse de referência às ações arqueológicas. A malha foi implantada com quadrados de 100 x 100m. A área central do arraial foi ainda subdividida em unidades menores de investigação. Estes trabalhos garantiram o controle de registro sobre um total inicial de 16 hectares.

A malha foi aplicada e orientada colinearmente sobre o eixo escolhido por Antônio Conselheiro para implantar as igrejas de Belo Monte ao longo da "Praça Principal". Para a fixação do datum P-0), valemo-nos da face exposta dos alicerces da igreja do Bom Jesus, sendo tomadas no local as coordenadas por meio de GPS, efetuando ainda uma amarração com os marcos implantados pelo DNOCS. Estes cuidados permitem que a malha seja retomada futuramente, caso sejam retomadas as pesquisas na área do arraial, mesmo que submersa.

Os vértices das quadras receberam estacas de marcação, que serviriam de orientação em terra e posteriormente para o levantamento aero-fotogramétrico.

Por sua vez, o levantamento planimétrico estendeu-se do centro do arraial rumo a oeste, no mesmo sentido e evolução do acesso que conectava o arraial à rodovia Transnordestina. Foi neste eixo que se processou a expansão urbana no decorrer do século XX, ampliando a área inicial de cadastro em aproximadamente 30 hectares.

Por último, procedeu-se ao levantamento altimétrico do núcleo do arraial, anteriormente submerso pelas águas do Açude, garantindo a reconstituição da paisagem do sítio histórico. O levantamento se estendeu até os contrafortes do Umburanas e alto da Fazenda Velha/Pelados, já no interior do parque estadual de canudos, perfazendo um total de 35 hectares.

3.2.3 Reconhecimento arqueológico extensivo

A equipe procedeu ao reconhecimento superficial de uma área equivalente a 50 hectares da margem esquerda do Vaza-Barris, circunscrita entre as pontes de transposição do rio e o cemitério novo (Estrutura nº14), avançando ainda rumo à margem direita do rio na porção onde está localizado o "cemitério antigo" (Estrutura nº45), ambos erguidos no século XX e relacionados à fase de ocupação de Canudos Pós-Guerra.

Como mencionado anteriormente, o levantamento resultou no cadastro de 60 estruturas, envolvendo habitações, edifícios comerciais e de serviços, cemitérios, edifícios de função religiosa, espaços e equipamentos públicos e de caráter privado, oferecendo uma primeira abordagem sobre a estrutura urbana canudense e sua evolução no tempo, apesar da pouca visibilidade oferecida pelo sítio, sobretudo nas porções mais baixas do terreno, sujeitas a processos pós-deposicionais mais intensos.

Durante a atividade foram obtidas as medidas básicas das estruturas, identificadas quando possível as suas funções originais com o auxílio de moradores da região, feitos os registros gráficos e documentação em vídeo e fotografia. Em alguns casos, procedeu-se ainda à evidenciação das estruturas de contornos passíveis de oferecer elementos mais seguros sobre a forma e dimensões, além de coleta seletiva de material arqueológico, diagnóstico e cadastramento topográfico.

O cruzamento das informações do cadastro de campo com as imagens aéreas e o levantamento topográfico propiciou o desenvolvimento de uma cartografia precisa da área central do arraial e da cidade de Canudos reconstruída, indicando os prováveis pontos de sobreposição / interpolação das sucessivas fases de ocupação do sítio ao longo do tempo.

Por outro lado, vimos dilatar significativamente as informações que

havia sido coletadas em 1997, quando efetuamos o exame sistemático e cadastro de estruturas existentes na margem direita do rio, na porção circunscrita ao Parque Estadual de Canudos (PEC). Naquele momento a área urbana de Canudos se encontrava, ainda, submersa pelas águas do Açude.

3.2.4. Sondagens e escavações de detalhe

Com o objetivo de conhecer o comportamento e estratigrafia do sítio e delimitar a sua extensão máxima foram efetuadas sondagens e valas, de dimensões variadas, ao longo da vertente que liga o pátio da igreja e cruzeiro com a malha urbana de casas. Esta atividade permitiu a construção de um perfil estratigráfico de 400 metros de extensão no sentido NE-SO, bem como o conhecimento dos efeitos do açude na área central do arraial. Do mesmo modo, uma outra bateria de sondagens foi iniciada no sentido perpendicular ao eixo citado (L-O), a partir do P-0.

As sondagens foram rebaixadas inicialmente por meio de níveis artificiais de 10cm, após a retirada da camada de lodo, peneirando-se os sedimentos e promovendo-se a coleta sistemática de vestígios encontrados. Os trabalhos eram interrompidos quando já não se identificavam artefatos em profundidade. Por vezes, a interrupção se fez necessária face ao afloramento do lençol freático.

O conhecimento a respeito do comportamento estratigráfico do sítio permitiu o avanço e a implementação da abertura de valas, permitindo o uso posterior de uma retro-escavadeira, utilizada para a remoção da camada de lodo depositada sob o solo original, que em alguns pontos alcançava um metro de espessura.

Por fim, esforços foram concentrados nas tarefas de escavação e evidenciação de parcelas das três principais estruturas relacionadas à ocupação

conselheirista, a citar: Igreja Velha (Est-3), Igreja Nova (Est-1) e Cruzeiro (Est-2), que compunham a praça do arraial conselheirista. Conforme foi possível verificar, com exceção do Cruzeiro as demais estruturas mostraram-se bastante danificadas e alteradas, quer pelos bombardeios e explosões, quer pela ação antrópica derivada da reutilização do material construtivo na construção das casas durante a reocupação da área o no decorrer da primeira metade do século XX⁶.

4. Novamente Canudos: Marcos de uma Trajetória

4.1. O sítio histórico da fundação

Desde o século XVII diversos processos interagiram em favor da escolha dessa exata porção do curso do rio Vaza-Barris para a instalação de um povoado.

O sítio histórico da fundação do arraial incidiu sobre uma planície à margem esquerda do rio, no formato de uma grande alça derivada dos processos de conformação da drenagem onde este recebe alguns de seus afluentes mais significativos, como o Umburanas e o Sargento. Por outro lado, de uma das extremidades desta curva acentuada, a montante, o rio se biparte rasgando a planície, com um braço que intercepta o meandro, criando uma "grande ilha" sujeita a inundações periódicas das cotas próximas aos 350 metros.

Como veremos a seguir esta área constitui uma das porções de maior potencial para a captação e obtenção de águas pouco profundas em toda a extensão da bacia hidrográfica do velho Irapiranga (denominação original), favorecendo a ocupação humana desde tempos imemoriais até a implantação da Fazenda Canudos e de um vilarejo anexo, escolhido por Antônio Conselheiro para ali criar sua Belo Monte "nos limites entre as freguesias do

6-Para uma visualização da área escavada e respectiva reconstituição do ambiente urbano conselheirista acessar o site

www.itaucultural.org.br/arqueologia

Através de modernos recursos é possível efetuar uma navegação virtual sobre a cidade, bastando seguir as instruções disponíveis no site.

7-Ver I
Históri
Brasil
Espirit
Janeirc
Comér

7-Ver FREIRE, Felisberto. História Territorial do Brasil (Bahia, Sergipe, Espírito Santo), Rio de Janeiro. Tip. Jornal do Comércio, 1906.

Santíssimo Coração de Jesus do Monte Santo e Santíssima Trindade de Massacará⁷.

A pesquisa histórica permitiu estabelecer uma periodização acerca da ocupação / evolução urbana do sítio, delineando-se momentos marcantes na trajetória do povoado, que sugeriram marcos de transição / ruptura com o respectivo reflexo em sua estrutura espacial, conforme evidenciou, concomitantemente, a pesquisa arqueológica. Assim, a história de Canudos pode ser subdividida nas seguintes fases:

FASE 1 Da Canudos pré-colonial ao povoado Pré-Conselheirista (alcançando até o século XIX);

FASE 2 A Canudos Conselheirista (1893-1897);

FASE 3 A reconstrução / reocupação do arraial - Canudos Pós-Conselheirista (1898-1969). Esta fase pode ser subdividida em duas sub-fases, conforme indicam os vestígios e estruturas até agora localizadas:

Sub-Fase 1 Da reocupação até a chegada do IFOCS/DNOCS, em 1930/40;

Sub-Fase 2 Após a instalação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas DNOCS: abertura da Rodovia / projeto e execução do Açude Cocorobó (1930 a 1968);

FASE 4 - Podemos ainda estabelecer uma última fase, por ora denominada de Desativação / Abandono do sítio urbano, processo desencadeado com a finalização e fechamento das comportas do açude (1969-1997). (Figura 1)

Com base na periodização estabelecida passemos à descrição informações colhidas no sítio histórico-arqueológico, sobretudo para a fase conselheirista, sendo a seguir apresentados alguns questionamentos.

"Conselheiro prometeu um dia que ergueria 25 igrejas"

Antônio Vicente fez essa revelação um dia ao comerciante Honório Vila Nova, que a confidenciou a Nertan Macedo lá pelos idos de 1973, no Ceará..

De fato, em suas andanças o peregrino acabou por tornar-se o mais ativo construtor de templos e outras obras civis de todo o sertão baiano. Em sua Cartografia de Canudos, José Calasans relaciona uma série de obras como sendo de autoria do beato ou a ele atribuídas: incluem-se reformas, construção de templos e cemitérios e outras obras civis, como pequenos açudes. Por sua vez, o cadastramento realizado pelo IPAC Bahia, traz informações e o levantamento métrico arquitetônico sobre três delas, utilizadas posteriormente para uma análise comparativa das estruturas escavadas em Canudos, sendo-lhes tomados emprestado alguns elementos para a reconstituição eletrônica das formas originais.

O Antônio Vicente arquiteto continha em sua concepção elementos adaptados herdados da estética jesuítica e franciscana, tendo durante a fase itinerante do movimento conhecido dezenas de edifícios, desde o litoral até Sergipe. A "escola conselheirista" também tem suas raízes nas obras concebidas pelo frei italiano Apolonio de Toddi, autor, dentre inúmeros templos, do sacromonte de Monte Santo, cujos parapeitos e escadaria teriam sido consertados pelo Conselheiro e sua gente.

A adoção de detalhes dessas diversas correntes, todavia, levou à concepção de frontões esguios e imponentes que ganhariam sua expressão máxima na Igreja Nova, que nunca chegou a ser, de fato, concluída. Seus altares eram ricos e adornados, alguns recebendo elementos que remetem a

símbolos do poder imperial. Por vezes, os edifícios eram mais atarracados, constituídos por blocos interligados com sucessivos panos de telhados, além de sacristias e espaços laterais de águas independentes. Pode-se abstrair o grande dinamismo da composição dos telhados da Igreja Velha pelas fotos de Flávio de Barros, ainda que, nestas, o forte brilho da cal branca sob o sol intenso prejudique a apreensão dos detalhes.

De qualquer modo, a mobilização conselheirista envolvia (ou envolveu em Belo Monte) uma forma bastante organizada de produção dos elementos necessários à construção, desde a cantaria e a fabricação de tijolos e lajotas até a produção da cal utilizada na composição da argamassa de rejunte, revestimento e pintura das paredes. Desses locais de produção foi possível identificar durante o salvamento um forno de cal cerca de 700m a oeste da Igreja Velha, cadastrado para estudos futuros, bem como dois fornos para telhas e tijolos, nas imediações da localidade denominada Trabubu, no interior do Parque Estadual de Canudos (PEC), na década de 1980.

Assim como observado com a sua sucedânea, a Igreja Velha arruinada teve o material construtivo aproveitável extraído pelos reocupantes do arraial, muito embora depoimentos deixem expresso que o Coronel José Aras, potentado local, proibiu a um certo tempo a retirada de material do edifício, o que certamente veio a contribuir para a preservação de alguns elementos como meias paredes da provável sineira e uma escadinha lateral em tijolos, que permaneceu intacta. Todavia, as escavações arqueológicas tornaram patente a atividade de extração do material mais nobre como blocos lavrados, tijolos, telhas e lajotas.

"O cruzeiro e a Igreja Velha"

Do conjunto arquitetônico fazia parte outrora o grande Cruzeiro-palanque, sem dúvida contemporâneo à Igreja Velha, similar ao erguido em Chorrochó anos

antes. Na sua base, em lápide retangular, encontrava-se gravada a seguinte inscrição: "Edificado em 1893 A.M.M.C", e no final da lápide as iniciais: M.M.G. As primeiras iniciais, reza a tradição, significariam Antônio Mendes Maciel Conselheiro. As últimas significaram, de acordo com o historiador Pedro Calmon, Mestre Manuel Gonçalo. Esta placa gravada em argamassa foi retirada simultaneamente com a cruz de madeira, em 1969, sendo reimplantada na nova base construída em Cocorobó (Canudos atual). O destino final da cruz foi o mais trágico possível: ela foi precariamente "restaurada" em Canudos por gente de boa vontade, porém sem nenhuma formação técnica. Arrancaram os projetis, taparam com cola e envernizaram o último testemunho íntegro da saga conselheirista ainda em pé. O fato foi registrado durante a etapa de 1997, sem que tenhamos podido intervir na situação.

Ainda a respeito do Cruzeiro da Igreja Velha vale recordar que, nos tempos do Conselheiro, como se pode ver na foto de Flávio de Barros, ele possuía a base cercada por um gradil de madeira sustentado por pilares que nasciam nas extremidades. Este detalhe construtivo desapareceu e não foi retomado nos tempos da Segunda Canudos, quando o Cruzeiro foi reparado e reabilitado pelos moradores que ali realizavam todo mês de setembro uma comemoração e procissão. Para tal, os canudenses fizeram ainda desaparecer habilmente as máculas da tragédia vivenciada por seus antecessores, tapando cuidadosamente os furos produzidos pelos projéteis de diversos calibres.

Dos cruzeiros conhecidos como de autoria do beato é, sem dúvida, o mais rico em detalhes e ornatos. A decoração com apliques de argamassa no pedestal lembram algo dos festões e laçarias barrocas e mesclam-se às colunas de talha neoclássica, ao gosto sertanejo. Realizou-se durante o salvamento um rigoroso levantamento gráfico e fotográfico completo que reconta a trajetória

desse monumento e seu processo de resgate.

Conforme anteriormente mencionado, foi a única construção que restou em pé, tendo sendo incorporada ao urbanismo da Canudos reconstruída após o conflito. Integrava o cotidiano e espaço urbano, embora, a certa distância da nova praça que surgia a montante. A intervenção de maior monta se deu com a retirada da cruz, implicando na descaracterização de um das faces do pedestal. Porém, João Guerra e seus companheiros do DNOCS o fizeram com muita propriedade, conservando intacta a metade restante e permitindo a reconstituição da volumetria integral do monumento quando de nossa investigação.

A técnica construtiva adotada para a construção das igrejas e cruzeiro foi a de alvenaria de pedra e cal, observando-se a introdução de técnica de alvenaria mista em algumas porções das mesmas, possivelmente para o acabamento de pisos internos e externo, de pilares e/ou arcos internos e no fechamento do compartimento de acesso à sineira da Igreja Velha.

As dimensões dos blocos lavrados e trazidos de jazidas de calcário próximas para as igrejas impressionavam e dificultaram em muito as escavações. Uma destas jazidas, conhecida como Pedreira do Conselheiro, situa-se no interior do PEC, distante linearmente cerca de 4 a 5 km. Os blocos maiores apresentam uma seção retangular irregular, atingindo 150 ou, em alguns casos, algo em torno de 250kg, exigindo durante a pesquisa arqueológica o auxílio de 3 ou 4 homens para movê-los com sucesso dos trechos evidenciados.

Por último foram resgatados no interior e na área externa contígua das igrejas uma grande quantidade de estilhaços de granadas, estojos de balas, além de elementos construtivos (telhas - sendo uma assinada -, tijolos e lajotas), dos quais foram coletados alguns exemplares inteiros. Também foram identificados pregos e cravos relacionados ao madeiramento abalado pelo bombardeio, além de uma

grande quantidade de fragmentos de vidro plano, no caso da Igreja Velha, sobretudo no cômodo lateral (supostamente a sacristia), sugerindo a presença de janelas de proporções significativas para as dimensões apresentadas pelo mesmo.

A construção da Igreja Velha deve ter tido início pelo fins da década de 1880 e sua inauguração deu-se, sem sombra de dúvida, entre julho e agosto de 1893, mais provavelmente em junho, mês em que é festejado o seu orago, Santo Antônio. Não há dúvidas quanto ao seu construtor: Antônio Conselheiro.

"A Igreja Nova, fortaleza dos jagunços"

É forçoso reconhecer que a atração maior do arraial do Conselheiro foi a Igreja Nova. O contraste que apresentava quando comparada às demais construções, mesmo à Igreja Velha, não apenas de estilo mas também na sua volumetria, incendiou a imaginação dos que a viram naqueles dias da guerra. Logo depois da fracassada expedição Moreira César, baseado em informações dos que sobreviveram ao desastre, o Diário Popular de 04/05/1897, anunciava aos seus leitores que "a Igreja Velha parece com a do Bonfim da Bahia e a nova a da Conceição da Praia, tendo esta as suas paredes mais de metro de espessura, de pedra coração de negro". E o Correio Paulistano não dava por menos os seus cálculos, noticiados a 17/07/1897: "as paredes da célebre igreja de Canudos têm dois metros e meio de espessura. É constituída em duas partes de um metro de largura e com um intervalo de meio metro cheio de areias e troncos". O Estado de São Paulo de 30/03/1897, ainda no estupor causado pela derrota de Moreira César, era, entretanto, mais moderado: "sobre as duas igrejas, uma das quais verdadeiro baluarte pela sua sólida construção, suas paredes tinham mais de um metro de espessura".

Igreja Nova viria, caso concluída, a transformar-se no maior templo erigido por Antônio Vicente Mendes Maciel em sua carreira de construtor, constituindo essa a primeira das características observadas. Todavia, conforme a análise do embasamento ainda restante, totalizava uma área de 270m²

Vale aqui registrar o tratamento neo-gótico aplicado aos vãos das portas e janelas laterais do pavimento térreo transformadas em barricadas, em oposição às janelas de apelo mudéjar, indicando a transição de estilo no construir conselheirista.

No interior da igreja, no entulho remexido, foram coletados um botão de fardamento, restos de um solado de couro, além de fragmentos de tigelas de faiança fina inglesa, sem que possamos afiliá-las, além de quase duas centenas de quilos de escória metálica relacionadas às explosões de granadas e projéteis despejados sobre a "igreja-fortaleza".

Chega 5 de outubro de 1897 e tem fim o massacre com a tomada da cidadela revoltosa. Encerrava-se a história de Canudos, porém, por um curto espaço de tempo... Bastaram alguns meses para que a população da região retomasse a ocupação da cidade. A reconstrução do Arraial de Canudos, contrariando a opinião de muitos estudiosos e pesquisadores, começou ainda no final do século XIX, em local próximo ao sítio urbano principal, conforme indicou a análise da documentação reunida durante o salvamento arqueológico.

"A Canudos pós conselheirista: um rápido sobrevôo"

A Praça das Igrejas à época de Antônio Conselheiro não foi reutilizada no novo desenho, observando-se o surgimento de um novo vazio "retangular", cerca de 100m a oeste, conformada, em uma de suas extremidades, por uma capelinha inaugurada em 1909. O "projeto urbanístico conselheirista" é, assim

abandonado, restando parcialmente desocupada a velha praça da Guerra. Constituiria essa numa manifestação de negação coletiva ao passado sangrento que insistia em mexer com a lembrança de todos, ou por outro lado, teria esse solo sagrado sido mantido intocado em sinal de reverência e respeito? Hipóteses a serem melhor trabalhadas...

Do que se depreende dos depoimentos, Canudos conheceu nas primeiras décadas do século XX um crescimento populacional lento, quase vegetativo, dando-se preferencialmente a ocupação da região de entorno da antiga área urbana destruída. Todavia, alguns retornaram e ergueram suas casas sobre aquelas que haviam deixado para trás, conforme atestamos na região mais afastada do núcleo, próxima ao cemitério mais novo (Estruturas de 10 a 13). Roças foram plantadas e a criação de animais retomada (Figura 2).

A construção da rodovia Transnordestina, no início da década de 1930, assinala o primeiro impulso desenvolvimentista de Canudos, até então vista por seus ex-moradores como um lugarejo modesto com algumas dezenas de casas. A construção de alojamentos provisórios e a vinda de trabalhadores do IFOCS gerou novas demandas e empregos que contribuíram para dinamizar e ampliar a renda, fortalecendo o comércio do lugar. Alguns serviços, antes incipientes ou inexistentes, ganharam seu lugar com o passar dos anos: a "bomba", ou posto de gasolina (Est-1), o posto médico (Est-34), telégrafo e correio (Est-16), ou até mesmo a cadeia/quartel (Est-43).

A guinada em termos de crescimento urbano se dá com a fixação definitiva do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas -DNOCS, no final da década de 1940, no intuito de levar a termo a promessa de se construir um açude em Canudos, "fruto da visita de Getúlio ao palco da guerra", conforme guarda a memória popular. A chegada desta repartição federal significou não só melhoria no desempenho da economia da região, como

8-Para
aprofu
efeitos
"A Inte
Desen
caso d
Cocor
Almei
de Me
UFBA

também notável elevação da qualidade de vida de parcela representativa dos moradores. Uma das testemunhas chegou a mencionar que o DNOCS, instalado oficialmente em 1951, empregou ao longo dos mais de 20 anos, tempo transcorrido entre o projeto e a inauguração do açude Cocorobó, um total de 5 mil pessoas da região, ocupando esse órgão até hoje um papel predominante no contexto da nova Canudos erguida em Cocorobó (transformada em Canudos por decreto em 1986). Entretanto, Neiva(2000) discute e apresenta dados que apontam para a ineficiência do papel do DNOCS em Canudos, através da implantação do Açude Cocorobó e o conseqüente Projeto de Irrigação Vaza Barris⁸.

8-Para um maior aprofundamento sobre os efeitos sociais do açude ver "A Intervenção do Estado no Desenvolvimento Local O caso de Canudos: Açude Cocorobó. Luiz Paulo Almeida Neiva. Dissertação de Mestrado, apresentada à UFBA, 2000, datilog

O conjunto de estruturas derivadas da implantação do canteiro provisório (que seria transplantado em definitivo anos depois em Cocorobó, a jusante da barragem) expressa, assim, de imediato os sintomas de mudança em nível nacional e os reflexos da presença do "estado-novismo" no sertão, trazendo em si embutidos princípios e preceitos capitalistas de organização social e espacial, em oposição à ocupação tradicional ali presente, expressa na ocupação da praça da Matriz, colocando cara-a-cara os protagonistas herdeiros da velha Canudos, que mantinham suas residências próximas ou junto de seu comércio e atividades, sem maiores especializações ou segmentações do espaço construído.

O papel do novo estado também se torna expresso em um monumento plantado na entrada da cidade, aliás, o único concebido pós guerra. Funcionários do IFOCS/DNOCS construíram uma base de concreto que recebeu parte "dos ferros" da Matadeira, canhão que não combateu, mas constituiu o símbolo maior da destruição, prenunciando a vitória do Estado sobre os revoltosos de outrora. A comunidade ancestral preferiu, em oposição, resguardar a sua memória da tragédia

- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente o "boom" populacional vivenciado em Canudos afastou qualquer possibilidade de manutenção de plano urbano original. Porém, também serviu de estímulo para as mais díspares avaliações demográficas que oscilam nos testemunhos acima selecionados entre 1600 até 6 mil unidades habitacionais à época da Guerra.

Esparramadas pela planície e elevações próximas as casinholas ocupariam uma área em torno de 70 hectares. Tomando a mais alta estimativa feita, teríamos uma densidade média de 85,71 habitações/ha ou ainda cerca de 428,5 hab/ha.

A título de ilustração, caso venhamos a adotar a representação gráfica das habitações plotadas na carta de Siqueira de Meneses como referência (o levantamento é fiel à distância entre os templos), podemos contabilizar uma média de 70-100 casas/ha, sobretudo na área nuclear do arraial. O militar julgou procedente estabelecer que Canudos totalizava cerca de "2.500 fogos" que nos forneceria uma população em torno de 12 mil indivíduos, significativamente inferior às superestimativas apresentadas pelos demais oficiais à época. Levando em conta os aspectos da cidadela mostrado nas fotos de Flávio de Barros, que nos fazem lembrar as grandes favelas dos centros urbanos ou mais ainda, as invasões na periferia de Salvador, podemos julgar aceitáveis essas taxas já que hoje elas oscilam entre 200-300 hab/ha para ocupações do tipo precário.

Porém, de volta a própria Canudos das primeiras décadas do século 20, estimamos taxas de ocupação em torno de 30 hab/ha na área nuclear do povoado, obviamente já dotada de arruamento, lotes definidos (quintais), apresentando-se 10 vezes menor que aquela verificada à época do conflito. O Censo nos oferece a pálida média de 2,3 habitantes por moradia

Canudos conselheirista segundo a historiografia construída com base nos testemunhos de oficiais contaria com o dobro da população da atual Canudos, que dispõe no momento de milhões de litros de água em seu açude.

Propositadamente, desenvolvemos uma "numerologia" que pode nos conduzir rumo às mais diversas conclusões, tal qual aquela distorcida, gerada no calor dos embates e constantes insucessos, batalhões fustigados e tocados nas imediações do Morro da Favela, feridos agonizantes, fome e sede: essa situação deixava atônitos os oficiais mais destacados.

A propagação desses relatos e descrições produzidos no calor da hora, lidos e relidos, burilados no romance histórico de Euclides da Cunha serviram de fonte confiável para dezenas e dezenas de artigos e teses sob a ótica das mais distintas disciplinas. Modelos explanatórios para o entendimento do movimento social conselheirista foram gestados. Muito se escreveu a respeito da tragédia. Porém, pouco se falou da trajetória dessa comunidade às margens do Vaza Barris antes e posteriormente ao conflito.

Até então, a paisagem desértica até então mascarada pelo açude nos impelia rumo à idéia de "urbs monstruosa", cidade de população descomunal, de edifícios projetados intencionalmente para defesa, com paredes gigantescas tal qual as da "igreja fortaleza".

O contato direto com o sítio histórico arqueológico paisagem / terreno / Estruturas e demais restos materiais - nos colocou, pela primeira vez após dezenas de anos, direta e francamente diante da Canudos real, com dimensões concretas, acenando para a necessidade e possibilidade, de se realizar uma reflexão, tendo como ponto de partida os vestígios materiais ali presentes. Lá estava ela, com sua praça e suas duas igrejinhas, entremeadas por um cruzeiro, aliás, caso único no sertão baiano. Sonho do Conselheiro: erguer seu Belo Monte.

Canudos está (va) lá, apta a ser entendida num plano concreto, como Canudos possível e viável sob determinadas condicionantes ambientais oferecidas pelo Vaza-Barris, um século atrás, ou continuará a ser cotejada e consagrada na literatura como a "segunda maior cidade da Bahia!"!!!

A pesquisa arqueológica daqui para diante deverá nos conduzir à compreensão das formas de apropriação e utilização do território necessário à manutenção dessa população arrebanhada pelo pregador, que certamente irá conduzir equipes de pesquisa para além do arraial, para o exame de uma região muito maior que os 70 hectares ocupados pelo centro religioso que combateu contra boa parte do efetivo do Exército brasileiro⁹.

A investigação conduzida a toque de caixa no arraial, nesse sentido, conseguiu esboçar apenas tímidos passos nesse sentido. Retirando o lodo, assistíamos quotidianamente o trabalho da equipe multiplicar-se exponencialmente, em vez de se aproximar da conclusão.

Porém, ampliamos significativamente nosso conhecimento sobre um Antônio arquiteto, engenheiro e construtor, mobilizador de canteiros que liderava jornadas intensas de trabalho, coordenando as forças produtivas de uma comunidade para a construção de templos e cemitérios, viabilizando a captação, extração e produção de lajes, cal, telhas, tijolos, amealhando numerário para a aquisição de vidraças, tintas, metais que se prestaram às igrejas de Santo Antônio e a do Bom Jesus, conforme mostraram as dezenas de sondagens, trincheiras e áreas decapadas às margens do Vaza-Barris.

Há que se trabalhar e burilar as informações recolhidas daqui para diante pois são remotas as possibilidades de voltarmos a pisar o solo do arraial conselheirista novamente.

9-Para uma discussão a respeito ver ZANETTINI, Paulo, Por uma Arqueologia de Canudos e dos Brasileiros Ilustrados. Revista Canudos CEEC/UNEB, pp 167-173, 1996

BIBLIOGRAFIA

- ARARIPE, Tristão de Alencar. Expedições Militares contra Canudos. Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1960.
- BAHIA, Secretaria da Cultura e Turismo. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia- Vol. VI: Monumentos e Sítios das Mesorregiões Nordeste, vale Sanfranciscano e Extremo Peste Baianos. Salvador SCT-PEAT, 1999
- BARRETO, Emidio Dantas. Última Expedição a Canudos. Porto Alegre, Franco & Irmão Editores, 1898.
- Destrução de Canudos. Recife, Edição jornal do Recife, 1912.
- Acidentes da Guerra. Recife, Livraria Econômica, 1914.
- BENICIO, Manoel. O Rei dos Jagunços: Crônica Histórica e de Costumes Sertanejos sobre os Acontecimentos de Canudos. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Comércio" de Rodrigues & C., 1899.
- BLAJ, Ilana e Cunha, Candida Pereira. "A Urbanização em Canudos com Decorência da Necessidade de Defesa". In: Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. L. São Paulo, Revista Histórica, 1984.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos 2. Ed. São Paulo, Edusp, 1987.
- CALASANS, José. O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro; contribuição ao estudo da campanha de Canudos. Salvador, Tipografia Beneditina, 1950.
- CALASANS, J.. Quase biografias de jagunços. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1986
- CALASANS, José. Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. In: Revista da Academia Brasileira de Letras da Bahia, no 34. Salvador, 1987.
- CALASANS, José. Cartografia de Canudos. Salvador, Secretaria da Cultura e turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997.
- CALDERÓN, V. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia. PRONAPA, Publicações Avulsas n. 15, Museu Emilio Goeldi, Belém. 1968/69

- CALDERÓN, V. A pesquisa arqueológica nos Estados da Bahia e do Rio Grande do Norte. Dédalo n. 15, MAE/USP, São Paulo 1972-
- CANÁRIO, Dantas Eldon. Cativos da Terra, romance. Editora Vozes, RJ, 1988.
- CUNHA, Euclides da. Obra completa. Rio de Janeiro, Companhia José Aguiar Editora, 1966.
- CUNHA, Euclides da. Caderneta de Campo. São Paulo, Editora Cultrix, 1975.
- FONTES, Oleone Coelho - O treme-terra. Moreira César - a República e Canudos. Rio de Janeiro, Vozes. 1996
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Canudos: subsídios para a sua reavaliação história. Rio de Janeiro, 1986.
- GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. Aspectos econômicos do episódio de Canudos. Salvador, CEB/Universidade Federal da Bahia,
- GALVÃO, Walnice Nogueira. No calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais 4ª Expedição. São Paulo, Editora Ática, 1977.
- HORCADES, Alvim Martins. Descrição de uma Viagem à Canudos. Salvador, Litotipografia Tourinho, 1899.
- LEVINE, Robert M. O Sertão Prometido - o massacre de Canudos. São Paulo, Edusp. 1995
- MACEDO SOARES, Henrique Duque-Estrada de. A Guerra de Canudos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1959.
- MACEDO, Nertan. Memorial de Vila Nova. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.
- MACEDO NETO, Cloves. A linguagem dos seixos: tecnologia de debitagem sobre seixos em dois sítios sob abrigos no sub-médio São Francisco. Monografia de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1996
- MARTIN, Gabriela. 1996. Pré-História do Nordeste. Editora Universitária da UFPE, Recife, 1996

- MASCARENHAS, M.L.F. Rio de sangue e ribanceira de corpos: 1893-1897 - Kiriiri e Kaimbé em Canudos. Monografia do curso de Bacharelado em Antropologia, Salvador, UFBA, 1995
- MATTOSO, Katia M. de Bahia, século XX: uma Província no Império. Ed. Nova Fronteira, 2a. edição, 1992.
- MILTON, Aristides Augusto. Campanha de Canudos. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1979.
- MUSEU DA REPÚBLICA. Canudos Imagens da Guerra. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1997.
- NASCIMENTO, Jorge Glauco Costa. A Paisagem do Parque Estadual de Canudos e seu Entorno: suas relações coma guerra e a ocupação da região. 1997. (mimeog)
- NEIVA, Luiz Paulo Almeida Neiva. A Intervenção do estado no desenvolvimento Local Ocaso de Canudos: açude Cocorobó. Dissertação de Mestrado apresentada à UFBA, Cruz da Almas, maio de 2000
- NOGUEIRA, Ataliba 1997 - Antônio Conselheiro e Canudos. São Paulo, Nacional., 1997
- NERY, Major A. Constantino. A Quarta Expedição Contra Canudos. Pará, Typ. de Pinto Barbosa & Cia., 1898.
- NÓBREGA, José Dionísio. A questão da Terra em Canudos, in "A Tarde Cultural", suplemento literário do jornal A Tarde, 16 de maio de 1998
- QUEIRÓZ, Washington, etti alli. Histórias de Vaqueiros Vivências e Mitologias, vol. 1, Ipac, Salvador, 1987.
- RELATÓRIO Apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista do Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu Séquito no Arraial de Canudos. Salvador, Typ. Correio de Notícias, 1895.
- THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. História Oral. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1992.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/C.E.E.C. Arqueologia histórica de Canudos: estudos preliminares. Salvador, Portfolium, 1996.

- VILLA, Marco Antônio Canudos - o povo da terra. São Paulo, Ática, 1995.
- ZANETTINI, Paulo Canudos: memórias do fim do mundo. Revista Horizonte Geográfico n 3 (Set/Out) Ano 1 São Paulo, 1988
- ZANETTINI, Paulo Por uma arqueologia de Canudos e dos brasileiros iletrados in Revista Canudos. Universidade do Estado da Bahia. UNEB págs167-171, 1996
- ZANETTINI, Paulo; ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika M. e NASCIMENTO, Jorge Glauco. Retomada das pesquisas arqueológicas no Parque Estadual de Canudos - Estado da Bahia.in Revista Canudos Vol. 2 nº2 1997
- ZANETTINI, Paulo; ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika M. - Arqueologia na Caatinga. Caderno Mais (Especial Canudos), Folha de S. Paulo, 24/09/97
- ZANETTINI, Paulo; ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika .M. - Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos 1897-1997 (Fase 1). Relatório de Pesquisas Arqueológicas apresentado ao IPHAN/MINC, 1997 (não publicado)
- ZANETTINI, Paulo; ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika .M. Salvamento Emergencial do Arraial de Canudos. Relatório de Pesquisa encaminhado ao IPHAN, em novembro de 1999 (Datilog)

*Aluna do curso de História da UNEB, bolsista de Iniciação Científica no Projeto coordenado por Lúcia Soares

É uma dignificação da terra singular do mundo, o fecho imaginário da paisagem literária, juízo de Tróia, a Iduméia, as Bretanha, os jagunços, os anônimos, e heróis de História e de Vitor Hugo

SIGLAS:

ACEPAC - Associação Canudense de Pesquisa Arqueológica e Conselho de

Bahiatursa - Associação de Turismo

C.E.E.C. - Centro de Estudos Europeus da Cunha

Embratur - Empresa Brasileira de Turismo

PEC - Parque Estadual de Canudos

PNMT - Programa Nacional de Municípios de Turismo